

A CIDADE DE BISSAU EM *NO FUNDO DO CANTO*, DE ODETE SEMEDO

Antonia Edivânia Lima da Silva Canjá¹

Resumo: O presente trabalho tem por objetivo analisar seis poemas da obra *No Fundo do Canto* (2007) da poeta guineense Odete Semedo, intitulados “O teu mensageiro”, “O prenúncio dos trezentos e trinta e três dias”, “Quando tudo começou Bissau não quis acreditar”, “Perdidos, desnorteados”, “Bissau é um enigma”. O livro pode ser entendido como um épico da contemporaneidade, constituído pela voz feminina que apresenta diversas falas que compõe sua poesia. A pesquisa foi realizada em fontes bibliográficas e fundamenta-se na leitura crítica dos textos de Moema Parente Augel “Cantopoema do desassossego” (2003), posfácio ao livro *No Fundo do Canto*, e *O Desafio do Escombro: nação, identidade e pós-colonialismo na literatura da Guiné Bissau* (2007), no trabalho de Monaliza Rios Silva *A Guiné-Bissau No Fundo do Canto: O épico identitário de Odete Semedo* (2010), na tese de doutorado da própria Maria Odete da Costa Soares Semedo *As Mandjuandadi: cantigas de mulher na Guiné-Bissau: da tradição oral à literatura* (2010) e estudos recentes sobre cidade através da obra *Todas as cidades, a cidade* (2008), de Renato Cordeiro Gomes. De modo geral, percebe-se que, na poesia de *No Fundo do Canto*, a voz lírica está voltada ao sentimento de como o país é apresentado e visto por seus filhos como terra fecunda e acolhedora remetendo-a a figura da mulher na sua capacidade de gerar e acolher uma nova vida dentro do seu ventre. Nesta perspectiva, Bissau é descrita como a terra que acolhe, protege e luta para que os seus não estejam desamparados e sozinhos diante do conflito militar armado que se levanta dentro da nação guineense.

Palavras-chave: A cidade de Bissau, Guiné-Bissau, literatura guineense, Odete Semedo.

Abstract: This study aims to analyze six poems of the work in the corner of the Fund (2007) the Guinean poet Odete Semedo, entitled “Your Messenger”, “The three hundred of foreshadowing and thirty-three days”, “When it started Bissau did not believe”, Lost, bewildered, “Bissau is a puzzle”. The book can be seen as an epic of contemporary, consisting of the female voice that has several lines that compose his poetry. The survey was conducted in bibliographic sources and is based on the critical reading of Moema Parente Augel texts “Singing poem unrest (2003)”, afterword to the book in the corner of the Fund, and The Challenge of rubbish: nation, identity and post-colonialism in the literature of Guinea-Bissau (2007), working Monaliza Rios Silva Guinea-Bissau at the Bottom Corner: the identity epic Odete Semedo (2010) the doctoral thesis of one's Maria Odete Costa Soares Semedo The Mandjuandadi: Female songs in Guinea-Bissau: the oral tradition literature (2010) and recent studies on the city through the work all cities, city(2008), of Renato Gomes Cordeiro. In general, in the poetry of The Song of the Fund, the lyrical voice is directed to the feeling of how the country is presented and viewed their children as fertile and welcoming land referring to the woman's figure in its ability to generate and receive a new life in the womb. In this perspective, Bissau is described as the land that welcomes, protects, and fights for there are not helpless and alone before the armed military conflict that arises within the Guinean nation.

Keywords: The city of Bissau, Guinea- Bissau, Guinean literature, Odete Semedo.

¹Antonia Edivânia Lima da Silva Canja, Graduada em Letras-Língua Portuguesa pela Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira – Unilab. Pós-graduanda em Docência no Ensino Fundamental pela Universidade Católica de Pernambuco–Unicap. Professora de Língua Portuguesa, Literatura, Artes, Educação e Cidadania da Rede Municipal de Ensino de Aracoiaba- Ceará.

Introdução

Com a chegada dos portugueses na república da Guiné-Bissau, um país localizado na costa ocidental de África. Este passou por diversos episódios de violências, desde a escravidão de seu povo à luta por independência e o conflito militar de 7 de junho de 1998, também conhecido como guerra dos trezentos e trinta e três dias e trinta e três horas. A luta de libertação nacional foi um dos conflitos armados mais longos e sanguinários neste espaço, fazendo dela a primeira colônia portuguesa na África a conquistar sua independência em 24 de setembro de 1973, entretanto, sendo proclamada independente e reconhecida pelo governo português em 10 de setembro de 1974. Durante o processo de independência pela libertação da pátria guineense, o país passou por várias etapas e categorias de violências, mantendo um tipo de colonização ou sistema escravocrata. O conflito militar de 1998 neste país reforçou a tese defendida por Moema Augel (2007), pois houve contínua violação dos direitos da população que, segundo a autora:

[...] dos trezentos mil habitantes, mais de oitenta por cento abandonaram suas moradias e fugiram em pânico, tanto para o interior do país como para fora. As pequenas cidades e vilas não dispunham em absoluto de infraestrutura para acolher tal multidão. Bissau ficou em parte abandonada e destruída [...] A fome e as moléstias grassaram no interior, onde a carência era dramática: alimentos, água, combustível, medicamentos, tudo faltava (AUGEL 2007. p.69).

A obra *No Fundo do Canto*, de Odete Semedo, é considerada um épico contemporâneo que trata a história recente do país e as suas guerras, reconstruindo a nação Por meio, da poesia. Semedo utilizou da experiência vivenciada como objeto poético para o Cantopoema de seu livro. Utilizando-a como arma reveladora da situação em que o país estava por causa dos vários desvios políticos, após a independência.

A violência vivenciada em Guiné-Bissau está inserida no profundo processo social e cultural de constante opressão no período pós-independência. A literatura serve

como canal para questionar práticas incoerentes aos planos da extensa luta pela liberdade e autonomia, como diz Augel (2008),

[...] a literatura que está se fazendo na Guiné-Bissau de hoje é reflexo da crise política, social e identitária que já se prenunciava e cuja explosão as obras, sugeridas na década de 1990, profetizavam e confirmavam (AUGEL, 2008, p. 49).

Em no Fundo do Canto, a voz poética interpreta o sacrifício imposto à população guineense depois da independência. Os poemas de Odete Semedo, nessa obra, criam imagens a respeito dos acontecimentos dramáticos e tristes do país pós - independência. Através da voz lírica, constroem-se reflexões acerca do conflito militar de 1998/1999.

A partir da análise de poemas selecionados que compõem o livro da autora e das reflexões sobre a cidade de Renato Cordeiro Gomes, (2008), este trabalho analisa imagens da cidade de Bissau, na poesia de Odete Semedo em *No Fundo do Canto*, observando as interpretações construídas do país pós-colonial que sofria com o conflito de 1998 a 1999. Visa analisar aspectos da nacionalidade da cidade de Bissau que “chora ao ver seus filhos partirem” em fuga do cenário de guerra, mas sempre com o sentimento de pertença a terra que mesmo destruída é o chão, a identidade, o berço da ancestralidade.

Para o desenvolvimento desse estudo, foi realizado um levantamento bibliográfico acerca da literatura guineense e Odete Semedo. A obra *O Desafio do Escombro: Nação, Identidades e Pós- Colonialismo na Literatura da Guiné-Bissau* de Moema Augel de (2007) foi primordial para o início das reflexões críticas acerca da temática em estudo. Depois, foram feitas leituras críticas do *Posfácio: Cantopoema do desassossego*, também de Augel (2003), a dissertação de mestrado de Monaliza Rios Silva, *A Guiné-Bissau No Fundo do Canto: O épico identitário de Odete Semedo* (2010), como também a tese de doutorado da mesma Maria Odete da Costa Soares Semedo, *As Mandjuandadi: cantigas de mulher na Guiné-Bissau: da tradição oral à literatura* (2010) e a obra *Todas as cidades, a cidade: Literatura e experiência urbana* (2008), de Renato Cordeiro Gomes.

Odete Semedo e a literatura em Guiné Bissau

A literatura de Guiné-Bissau é uma das mais recentes literaturas africanas de Língua Portuguesa. O surgimento dessa literatura apresenta lacunas do período de exploração colonial. Sob o domínio de Portugal, Guiné-Bissau serviu por longos anos como praça comercial de escravo. Soma-se a esta posição, também, a grande resistência do povo guineense sob o domínio português, que fora bem mais intensa em Guiné do que em outras colônias portuguesas em África.

Os primeiros poetas guineenses surgiram durante o ano de 1945, entre eles, destacamos, António Baticã e Amílcar Cabral. Esses poetas são responsáveis pela produção de uma literatura considerada como “poesia do denunciado”, caracterizada pela denúncia, atrevimento, pela tomada de consciência e incentivo à luta pela libertação. Após o conflito pela independência, especialmente no ano de 1990, nota-se uma expansão da literatura guineense, tendo, então, no campo literário autores como António Soares Lopes (Tony Tcheca), Abdulai Silas (primeiro escritor romancista), entre outros (ADALBERTO JÚNIOR, 2012).

Considera-se que a literatura de Maria Odete da Costa Soares Semedo nasce em 7 de novembro de 1959, sendo a primeira mulher guineense a publicar um livro de poesia, com o título *Entre o Ser e o Amar*, pelo Instituto Nacional de Educação e Pesquisa (INEP), em 1996. Publicou também *Histórias e passadas que ouvi cantar* (2003), *No Fundo do Canto* (2007), *Literaturas da Guiné-Bissau- Cantando escritos da história* (2011). Sua escrita remete às narrativas orais de sua ancestralidade, como também oferece um olhar crítico à construção da identidade nacional, a decepção das utopias libertárias, a contrariedade com os rumos políticos do país e a busca por sanar as dores e feridas, ocasionadas tanto pela violência colonial, quanto pelas marcas deixadas pela guerra civil de 1998/1999.

Odete Semedo, no ano 2003 foi premiada, na categoria de escritora de personalidade, um prêmio muito importante que contribuiu para o desenvolvimento de Guiné-Bissau. Sendo 2006 um ano de muitas mudanças e conquistas, a poeta mudou-se para o Brasil com o propósito de realizar seu doutorado em Letras pela Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, tendo sua tese de doutorado defendida em

2010 sob o título *As Mandjuandadi- cantigas de mulher na Guiné-Bissau: da tradição oral à literatura*. Semedo, realizou trabalho como secretária-geral como também uma das fundadoras da Associação de Escritores da Guiné-Bissau em 2013. A convite de Rui Duarte de Barros e Manuel Serifo Nhamadjo assumiu ao cargo de reitora da Universidade Amílcar Cabral, em 8 de janeiro de 2013 a 20 de setembro de 2014.

A literatura de um país é um importante registro para a reflexão em torno de sua história, sua política, sua memória e sua identidade, pois é por meio da escrita que acesso a história não-oficial, que o tempo silenciou, é por meio da literatura que se busca questionar “as verdades” historicamente construídas, recontando o discurso histórico.

O escritor também produz a partir de um lugar social, é neste sentido, que se situa a escrita de Odete Semedo, dentro do espaço de Guiné-Bissau na atualidade, visando o desafio do escombros (AUGEL, 2007), ou seja, o desafio de tratar de uma nação que ficou em ruínas depois da guerra.

A literatura e a cidade

Em *Todas as cidades, a cidade: literatura e experiência urbana*, Renato Cordeiro Gomes (2008) mostra que por meio da escrita consegue-se elaborar um conjunto de ideias e conhecimentos. O espaço ficcional da literatura permiti-nos perceber que o local da cidade é o lugar de atenuar um símbolo capaz de exprimir “a tensão entre racionalidade geométrica e o emaranhado das existências humanas” (GOMES, 2008, p. 18). Movidos pelos sentimentos de ganância desenfreada pelo “progresso” que promove o apagamento dos fatos memoriais escritos nos lugares e ambientes onde a história foi marcada nos espaços físicos, é possível resgatar a memória por meio do relato escrito e fotográfico, sendo lugar de expressões nostálgica do passado, buscando reconstruir suas imagens diante da transformação do cenário da cidade em ruínas. Para Renato Cordeiro Gomes, a simbologia encontrada na imagem da cidade é um lugar adequado ao avanço, ao progresso e à modernidade, lugar da preservação da memória, de organização de dados históricos utilizando-se de

documentos datados para a conservação de fatos importantes, como, de lugares históricos e da memória individual como forma de tornar vivos os acontecimentos vivenciados por meio da oralidade, tendo em si uma carga de simbologia que auxilia na produção da narrativa.

O estudo relacionado ao símbolo cidade está presente há muito tempo no cenário literário, utilizando-se das imagens e linguagens metafóricas do objeto em análise.

Podemos citar como exemplo a cidade de Bissau que é representada de forma figurativa na poesia de Odete Semedo como a representação da mulher, tendo um papel importante e sagrado na concepção da vida, Bissau é vista e associada a esta metáfora de terra mãe, que acolhe seus filhos, os protege, defende, luta, permanecendo forte, inabalável mediante as dores sentidas com a devastação da guerra. Essa simbologia vai sendo incorporada a outras, tendo como suporte teórico as diversificadas interpretações no aspecto cultural e variação linguística.

As imagens de cidade nos textos literários são inúmeras, conforme o trabalho a ser apresentado cada uma escolhe diferentes temas para a construção da simbologia do espaço, tendo o foco principal no enredo histórico e cultural de uma sociedade. A imagem de uma cidade ajuda a elaborar outra. A ideia apresentada sobre as diversas releituras de cidade em obras da contemporaneidade é vista como um espaço que possibilita a desconstrução e apagamento das lembranças do passado quebrando assim o elo de afetividade com imagens e símbolos que representam a composição da história permitindo construir o novo, utilizando da metáfora da destruição do passado sem deixar nenhum vestígio de imagens, lembranças que se possibilite o retorno as experiências vividas, sendo substituídas por novos sentimentos e imagens e traços simbólicos. A complexa concepção sobre a representação de cidade enquanto texto, construída pela linguagem permite várias visões, sentidos e interpretações.

A cidade compreendida enquanto texto é estabelecida a partir de inúmeras escritas que são construídas por diversas culturas que realizam comparações entre si, tendo também suas diferenças. De acordo com Renato Cordeiro Gomes, o texto é relato poético das diferentes formas de ver a cidade; apresentadas não apenas enquanto espaço físico, mas como cidade simbólica, que ultrapassa a linha entre lugar e metáfora, “produzindo uma dinâmica entre a compreensão geométrica e o emaranhado de existência humanas” (GOMES. 2008. p. 18). A imagem simbólica da cidade permite

pensar a mesma como um quebra-cabeça feito de palavras, que muda de significado a cada encaixar de peças de palavras, dificultando a compreensão dos seus sentidos.

Cenário da guerra dos “Trezentos e trinta e três dias e três horas”: reflexões sobre o contexto histórico e político pós-independência da Guiné-Bissau

É relevante apontar de forma resumida alguns aspectos importantes desse conflito, uma vez que a guerra é o ponto de partida para a elaboração da poesia de Odete Semedo em *No Fundo do Canto*. E, para contextualizar os acontecimentos que levaram o país a entrar num conflito militar, em 1998, se faz necessário mencionar alguns fatos históricos que permearam toda a trajetória de libertação, como a luta armada pela emancipação do colonialismo português, arquitetado pelo Partido Africano para a Independência Da Guiné-Bissau e Cabo Verde – PAIGC.

Odete Semedo faz uma contextualização histórica de Guiné-Bissau para revelar aspectos importantes sobre o conflito militar de 1998/1999 conhecido como a “*Guerra dos trezentos e trinta e três dias*”, sendo, um fator relevante para a criação da sua poesia em *No Fundo do Canto*. Diante do trajeto de luta de libertação para independência do país da opressão portuguesa, sistematizado pelo Partido Africano para a Independência da Guiné-Bissau e Cabo-Verde – PAIGC. O partido político foi fundado por Amílcar Cabral, grande intelectual, envolvido em esquemas políticos e militares da luta por libertação dos países de Guiné-Bissau e Cabo-Verde em 1973. O líder guineense foi assassinado de forma cruel, sendo, a liderança do partido assumida por seu irmão Luís Cabral que foi o primeiro presidente da república da Guiné-Bissau. O seu governo foi marcado pela inconstância política permitindo assim, o assassinato de várias lideranças políticas, com diversos conflitos internos o atual presidente foi destituído de seu cargo com o golpe de estado em 1980, tendo como novo líder político o então ministro Nino Vieira um dos articuladores do PAIGC que passou a governar o país. De acordo com Augel:

O novo governo prometia estabelecer uma política rural condizente com os interesses e necessidades locais e se propunha a refrear a onda de modernização, uma das prioridades do governo anterior que se empenhou no fomento

à industrialização, iniciativa em princípio boa, mas que resultou megalômana, ultrapassando a demanda e as possibilidades da recém-fundada república [...] (AUGEL, 2007, P.63).

O governo de Nino Viera foi caracterizado por uma série de violências e mortes de vários representantes políticos, tendo-o se declarado como o representante do governo popular. Entretanto, dentro do cenário de violência política, apareceram diversos outros partidos políticos em Guiné-Bissau, permitindo crescer o sentimento de esperança a população guineense de novos rumos para o país. Em 1994, foi realizado o primeiro pleito eleitoral para presidência da república da Guiné-Bissau, tendo o candidato Nino Vieira a frente dos votos, sendo o mesmo eleito a presidência. O seu governo foi marcado pela corrupção, desconfiança, insatisfação popular diante dos votos de democratização do estado que apresentava pequenos sinais de fortalecimento da economia e avanços na educação.

O sentimento de insatisfação com o governo de Nino Viera foi crescendo com a participação da Guiné-Bissau na UEMOA, União Económica Monetária da África Ocidental. De acordo com Augel (2007),

[...] isso significou a adesão da Guiné-Bissau à comunidade financeira direcionada a França, e não para Portugal, dividindo os interesses políticos e econômicos da classe guineense, pressionada pelos dois lados. A moeda, o franco CFA, é válida para oito países da África Ocidental que estiveram sob colonização francesa e já circula na região desde 1947. A Guiné-Bissau, integrando-se a essa aliança econômica, tornou-se mais estreitamente envolvida nos interesses senegaleses e franceses relativos à região de Casamansa [...] (AUGEL, 2007, p.67).

Guiné-Bissau se tornando parceira dos países como Senegal e França, necessitaria cumprir com as exigências dos países “parceiros”, com a proposta de deixar de fornecer armas aos rebeldes da região de Casamansa.

Dentre as autoridades militares à frente do combate armado, destaca-se, o general Ansumane Mané que estava diretamente ligado no tráfico de armas para Casamansa. O mesmo destituído do cargo, não aceita sua expulsão, denuncia o então

companheiro de luta e amigo íntimo o presidente Nino Vieira como o principal responsável pela comercialização ilegal de armas para os rebeldes de Casamansa, desencadeando, assim, a ocupação das bases militares. Como defesa o governo promoveu uma ação armada, tendo a intervenção e apoio de diversas tropas senegalesas, entre outros.

Tais acontecimentos provocaram um conflito armado que durou cerca de onze meses. Sendo mais de 80% da população guineense obrigada a se refugiar para o interior do país como para outros países, com intuito de fugir do conflito armado.

Vista abandonada, a cidade de Bissau, teve seus edifícios, saqueados, destruídos e incendiados por soldados das tropas senegalesas. Em meio ao caos e os escombros, marcas deixadas pela guerra, os sentimentos de solidariedade, ódio, opressão e ataque à ocupação estrangeira a cidade de Bissau, despertou nos guineenses o desejo de se reunir vindos de várias lugares e etnias em defesa de uma causa comum: a reconstrução do país e o projeto de uma nova nação guineense. Segundo Augel (2007), no Posfácio ao livro *No Fundo do canto*:

O estado de espírito da população, insatisfação, descrente a face à governança, foi revestido por aqueles onze meses de guerra que, entre morte e destruição, provocaram um desafio positivo, deflagrando uma situação semelhante à de guerra de libertação nacional: em meio às ruínas políticas e aos escombros do recente conflito, foi desencadeado um frutífero e rico processo acrisolamento, fecundo em iniciativas para soerguer o novo edifício da nação guineense. Foi despertando o sentimento nacional, mobilizado no momento doloroso da ocupação estrangeira. A partir da ameaça do cataclismo, vê-se buscando estratégias e caminhos para o futuro do país. Diante dos escombros de uma nação que mal começava a caminhar com os próprios pés, está-se diante de um insistente e pertinaz recomeço (AUGEL, 2007, p.24).

De acordo com as palavras de Augel, percebe-se que Guiné-Bissau inserida dentro de um contexto favorável a discutir a identidade nacional, com o propósito de juntar fragmentos para restabelecer o país após a guerra, podendo encontrar na escrita literária, como a de Semedo, a representação do povo guineense que deseja ser nação.

A escolha do título *No Fundo do Canto* remete a um sentido mítico que instiga os leitores a terem várias interpretações, questionamentos sobre o espaço onde se localiza este *No Fundo do Canto*. Estaria relacionado ao *Canto*, como triste melodia, canção? Ou refere-se a um espaço físico? *Canto* de uma casa, de uma vila, de uma rua a que tipo de *Canto* a autora aborda? Quais cantos podem-se encontrar? Seria uma linguagem metafórica utilizada pela escritora para expressar seus lamentos, seus pedidos de socorro que vem do fundo do seu coração? Ou está implicitamente dirigido a um *lugar*, espaço onde é construído toda a sua narrativa, transmitindo a partir de sua escrita a construção da nação guineense? (AUGEL, 2007). Considera-se que a palavra canto pode assumir todas essas interpretações possíveis e é na intersecção de todas essas possibilidades que se busca analisar os poemas selecionados do livro.

Em *No Fundo do Canto*, a autora faz uma correlação entre o “eu e o outro” inserindo pessoas, de todas as etnias e línguas, partilhando o espaço nacional, onde todos tem seus direitos igualitários, sem distinções, e tem a valorização de todos os seus saberes.

No Fundo do Canto

Podemos considerar que no contexto histórico no qual se localiza o livro *No Fundo do Canto*, a autora busca construir uma voz que mistura os gêneros literários, preocupada em contar a memória do povo guineense. A linguagem é elaborada a partir do olhar fragmentado. A pluralidade das línguas existentes e faladas por cada etnia é o elemento chave para a construção da identidade do povo guineense.

A poética de *No Fundo do Canto* interpreta a corrupção política e os traumas deixados pela *guerra dos trezentos e trinta e três dias*, a decepção diante da situação de violência, o sentimento de frustração do projeto nacional e dos sonhos de liberdade.

A narrativa épica transita entre passado e o presente, desconstruído para reconstruir poeticamente a memória da nação na pós independência.

A vivência do conflito e os traumas decorrentes, entre eles a necessidade de fuga e a perda do que fora construído até o momento do conflito, tornou-se elemento

principal para a poesia de Semedo. Em sua poesia, a autora utiliza-se do olhar crítico e de sua sensibilidade para construir a voz poética que se localiza diante dos horrores da guerra, transformando o desabafo individual na imagem do sentimento de todos os filhos de Guiné-Bissau:

O livro mais triste que alguém haveria de ler na Guiné-Bissau. Pois será o espelho da dor de um povo e de tantos se virem nele e através dele a silhueta do próprio destino. Deixarei que nele corram todas as lágrimas que não puderam ser choradas. As chagas mal saradas abrirei com o meu bisturi deixando correr todo o pus para que todos possam ver a real podridão e o verdadeiro fingimento. (SEMEDO, 2007. p. 13-14).

Esse Cantopoema se refere a uma viagem ao passado, para que se possa entender as principais questões que ocasionaram a guerra dos trezentos e trinta e três dias e os suas consequências que se tornou tão presente e triste para todos (SEMEDO, 2007. p.16) .

Semedo (2007), apesar de relevar em seu canto as dores, injustiça, sofrimento e desamparo do povo guineense em sua própria pátria, nos mostra, por meio da voz poética o sentimento de esperança, recomeço, transmitido por cada filho de Guiné que desperta para o senso de responsabilidade e compromisso com a reconstrução do país que deseja um novo progredir.

O livro dividido em quatro partes, na primeira parte, temos; “**No fundo... No fundo**”, “**Do Preludio**” são narrados os antecedentes da guerra, a condição social do país e o surgimento do conflito armado. É apresentada a cidade de Bissau como personagem viva, com características humanas, sendo capaz de sentir e sofrer com o mal que assombra o atual ambiente em ruínas, buscando compreender os motivos que provocaram a guerra.

A segunda parte, é constituída por; “**A história dos trezentos e trinta e três dias e trinta e três horas**”, que se trata do surgimento do conflito armado e os desdobramentos da guerra. Na terceira parte, se refere ao “**Consílio dos Irans**”, que se reporta à voz poética, manifestada na imagem ancestral do povo guineense que clama por seres protetores conhecidos dentro da cultura guineense por *Irans* tendo diferentes visões a partir das etnias existentes é considerado como uma *força justiceira* que busca

equilíbrio e harmonia dentro de um plano físico/divino, por meio de energias benéficas ou maléficas.

A quarta parte, compreende-se pelos; “**Os embrulhos**”, cria-se uma visão crítica do caos que assolou o Bissau, como também as pessoas que levaram o país à calamidade. Construindo uma imagem de recomeço em torno do bem comum da nação, visando o desfecho da guerra.

Semedo apresenta uma sequência de histórias num discurso que se aproxima das narrativas orais. A evocação da imagem do *Bu tcholonadur* remete a uma figura cultural guineense, presente no poema “**Teu mensageiro**”, que faz reflexões acerca da guerra dos trezentos e trinta e três dias e trinta e três horas, desde seu prenúncio até seu desfecho e fim. Augel comenta o significado do *Bu tholonadur* na cultura guineense, explicando que:

Bu tcholonadur, traduzido pela poetisa como “*O teu mensageiro*”, é uma figura do cotidiano guineense; é o que intermedia, que serve de ponte entre o falante e o ouvinte, pessoa necessária, mesmo indispensável, com atribuições diversas, tanto nas culturas com base nas chamadas religiões naturais, como nas coletividades muçulmanas. Quando há algo a tratar entre dois contraentes, muitas vezes falantes de diferentes línguas, não é possível, segundo os costumes locais, que os dois dialoguem diretamente, tornando-se necessária a presença de um terceiro, tradutor, mediador ou intermediário, que então passa para cada um o que o outro diz ou responde. A posição dos oponentes, muitas vezes sentados de costas viradas um contra o outro, indica ou estabelece a distância, o antagonismo que o *tcholonadur* tenta superar. Para as etnias não muçulmanas, o papel de intermediário representado pelo *tcholonadur* tem cunho religioso, mesmo místico, de mediação entre indivíduos e a divindade. É quem possui o poder de decifrar e transmitir a mensagem do *iran*, cujos sons nem sempre são inteligíveis para aqueles que o foram consultar. (AUGEL, 2007. P.330).

Por esse significado a figura do *tcholonadur* foi evocada na poesia de Semedo, pois a voz poética, igualmente, será mensageira da história e os sentimentos de seu povo e profetizará acerca da mensagem dos *irans*. Segue o poema:

O Teu Mensageiro

Não te afastes
Aproxima-te de mim
Traz a tua esteira e senta-te

Vejo tremenda aflição no teu rosto
Mostrando desespero
Andas
E os teus passos são incertos

Aproxima-te de mim
Pergunta-me e eu contar-te-ei
Pergunta-me onde mora o dissabor
Pede-me que te mostre
O caminho do desassossego
O canto do sofrimento
Porque sou o teu mensageiro

Não me subestimes
Aproxima-te de mim
não olhes estas
lágrimas
Descendo pelo meu rosto nem
desdenhes as minhas palavras
por esta minha voz trêmula de
velhice impertinente.

Aproxima-te de mim
não te afastes vem...
Senta-te que a história não é curta.
(SEMEDO, 2007, p.22)

“**O Teu mensageiro**”, que se encontra na primeira parte do épico “No fundo... No fundo”, “Do Prelúdio”, refere-se aos primeiros sentimentos de angústia, dor, medo e inquietude que surge na nação guineense com os rumores que anuncia a guerra que se aproxima.

Na poesia de Semedo, abordamos questões nacionais, sentimentos direcionados ao patriotismo ao pequeno país Guiné-Bissau. Nos versos do poema “**O prenúncio dos trezentos e trinta três dias**”, encontrado também na primeira parte do livro, se compreende que o eu-lírico é o contador da história de Bissau, durante o período de guerra civil, conhecida como a *guerra dos trezentos e trinta e três dias* iniciada entre junho de 1998 a maio de 1999. O herói referido é o próprio povo guineense, uma vez

vivenciado e resistido a todo combate o termo *prenúncio*, indica o início, como tudo aconteceu, conforme se lê nas estrofes do poema:

O prenúncio dos trezentos e trinta três dias

Meninos velhos meninas e
rapazes homens e mulheres
todos ouviram falar da
mufunesa que um dia teria de
cair nos ombros da gente
da pequena terra

Em histórias contadas ...no meio
duma lenda entre uma passada e
outra... alguém sempre se
lembrava de meter uma pitada de
sal sobre a mufunesa que haveria
de apanhar aquela gente

Baloberus almamus e padres
também haviam anunciado
um pastor sem tremer o pavor de
suas ovelhas predisseram: uma
foronta um confronto vem a
caminho

Mais que três dias não
deve atingir tal
confronto se prolongar...
só trinta e três dias
depois teria o
seu final todo o povo vai
ferir

caso passasse o predito período
sem que o tormento amainasse
apenas trezentos e trinta e três
dias trinta e três horas separaria
aquela gente da tal maldição
assim está escrito no destino da
nova Pátria.

(SEMEDO, 2007, p. 24-25).

A voz poética afirma que todos da nação sofreram com a “*mufunesa*”, termo usado pelos guineenses para se referir a um “*azar*”. Todos sofreram com a má sorte, a morte, o desamparo, o abandono. A morte recaiu sobre todos.

O poema traduz a dor, o peso do sofrimento e como este é lembrado por cada guineense que se envolveu no cenário da guerra. Permite encontrar no poema o sentimento de aflição que estava inserida em todo o país. O elemento principal se configura a partir de símbolos e representações nacionais que confirma a identidade do país, como faz Semedo ao utilizar linguagens e expressões culturais de Guiné-Bissau. Os poemas de Semedo exibem uma voz que fala a partir de suas experiências, introduz elementos culturais tais como religiões, línguas e costumes e que se apresenta como porta-voz de gerações vindouras, conta a história do povo guineense com domínio de quem vivenciou a história. Como pode-se observar;

[...]

Baloberus almanus e padres
também haviam anunciado
um pastor sem tremer o pavor de
suas ovelhas predisseram: uma
foronta um confronto vem a
caminho

Mais que três
dias não deve
atingir tal
confronto se
prolongar...

[...]

(SEMEDO, 2007, p. 24-25)

Os versos mostram uma linguagem figurativa e cheia de simbologia como a nação guineense está imersa em um contexto cultural diversificado, tendo um vocabulário linguístico específico que se caracteriza como único quando diz: [...] “Em histórias contada/ ...no meio duma lenda/ entre uma passada e outra.../ alguém sempre se lembrava de meter uma pitada de sal sobre a *mufunesa* que haverá de apanhar aquela gente [...] (SEMEDO, 2007, p. 24-25). Corrompida, alterada sofreu em seu seio as punhaladas da dor causada pela “*mufunesa*” sua falta de sorte.

O poema intitulado “**Quando tudo começou, Bissau não quis acreditar**”, inicia-se com um sentimento de incredulidade do momento que se alojou no país, sobre

como, Bissau chegaria a este campo de destruição. O poema encontra-se na segunda parte do livro; “A história dos trezentos e trinta e três dias”, que discorre sobre todo o desenrolar da guerra, os impactos causados durante o ambiente de calamidade na cidade de Bissau.

Quando tudo começou, Bissau não quis acreditar

Quando tudo começou
Bissau não quis acreditar

Bissau não quis acreditar
No que via
No que estava a sentir

Bissau despediu-se de seus filhos
Nua deitou-se de bruços
para receber chicotadas
Para receber açoite
com ramos
espinhosos de nhára-
sikidu Bissau não quis
acreditar.
(SEMEDO, 2007, p.70).

Os versos mostram a figura da cidade de Bissau corrompida, que sofreu em seu seio as punhaladas da dor causada pela batalha. Sendo maltratada permaneceu com o sentimento de recomeçar mediante ao padecimento.

No fragmento “Bissau despediu-se de seus filhos” / nua deitou-se de bruços” utiliza-se a personificação da cidade que se torna humanizada, entendida como um corpo. Dá-se visibilidade as destruições que assombrou Guiné-Bissau e que acabou com tudo. A voz lírica relembra a figura de uma mãe que sofre ao ver a partida de seus filhos abandonando as casas, a terra, a família.

No poema “**Perdidos, desnorteados**” encontra-se, na segunda parte do livro, “A história dos trezentos e trinta e três dias”. A voz lírica conta nas estrofes do poema como Bissau é encontrada através de um cenário de guerrilha. Seu espaço físico, seus lugares são comparados a um corpo sem cabeça separado dos seus membros, foi dilacerado, pois sofreu grande violência:

Perdidos, desnorteados

Decapitado
O meu corpo rola
E deambula pelo mundo os
meus membros se entrelaçaram
Buscando proteção fora de tempo

O meu tronco sangrando quieto
Prostrado
Numa terra sem chão
Lembra uma res
Abatida

A minha cabeça
O meu corpo desbarratado
Os meus membros entrelaçados
Minha Guiné
Minha terra Porra...
Rolam ... rolam e deambulam
em movimentos incertos
(SEMEDO, 2007, p.75).

Compreende-se que esta linguagem metafórica como uma leitura para a ida dos guineenses para outras nações como o propósito de sair do âmbito de guerra.

Na linguagem poética tem uma imagem figurativa e metafórica com a diáspora dos guineenses para outros países e lugares do mundo com o propósito de sair do âmbito de guerra, como se remete no poema o eu-lírico diz:

O povo guineense, assolados pelos maus tratos da guerra é comparado a um corpo inerte, “o meu tronco sangrando quieto, prostrado numa terra sem chão/ lembra uma res/ Abatida”. (SEMEDO,2007, p.75. Odete, no poema cria imagens de como Bissau é encontrada dentro do cenário de guerrilha, aquela pequena pátria é despedaçada, encontra-se desolada, perdida diante de tanta tortura. Pode-se compreender que esta linguagem metafórica remete ao processo de diáspora que muitos tiveram que aderir para outros países, como, tentativa de fugir da guerra, quando no poema encontramos:

“Decapitado/ O meu corpo rola/
E deambula pelo mundo/os
meus membros se entrelaçaram/
Buscando proteção fora de

tempo” (SEMEDO, 2007, p. 75).

No poema **“Bissau é um enigma”**, inserido na primeira parte do livro; **“No fundo... No fundo”**, **“Do Preludio”**, primeiramente, Semedo usa de elementos da linguagem metafórica para apresentar a cidade de Bissau como uma imagem misteriosa. Bissau carrega um sentido emblemático em sua própria construção como uma terra carregada de símbolos, significados, mistérios. Sendo constituída de inúmeras etnias, variadas crenças, sentimentos de alegria e de dor.

Nas estrofes do poema, pode-se notar claramente o sentimento de questionamento, abandono e tristeza, que a autora dispõe em seu Cantopoema para descrever sua revolta, diante da destruição do país.

Bissau é um enigma

Bissau é um enigma Guiné um
mistério mergulhado numa
profunda angústia eu a construir e
tu a destruíres

Porque, meu irmão pergunto
se o caminho é único?

(SEMEDO, 2007, p. 54).

A voz do poema questiona sobre a existência de Bissau construída em meio a tantos problemas, seu povo sofreu para que se tornasse independente, autônoma, foi ferida pelo jugo da escravidão, muitos dos seus filhos perderam suas vidas em combate para que Guiné, fosse reconhecida pátria. Seus mistérios a devora, cerca, prende, liberta para um novo pensamento, um novo recomeço.

Mediante os sofrimentos ocasionados pela guerra dos trezentos e trinta e três dias, o eu-lírico questiona o porquê, que Bissau, deveria de passar por tudo isso: “E tu a destruíres/ Porquê, meu irmão/ Pergunto/ Se o caminho é único?” (SEMEDO, 2007, p. 54).

No poema **“Bissau toma a palavra”**, Semedo apresenta elementos básicos para se conhecer a cultura guineense, indica características importantes sobre a terra Bissau,

que busca e retira seu sustento da terra um país que tem a agricultura, como sustento de um povo, cultiva a cana, o arroz, e em meio a estes trabalhos, usa a palavra para falar sobre as condições mínimas de vida.

Bissau toma a palavra

Bissau toma a
palavra Bissau
olhos postos na
terra pinga no chão
a cana se deita o
arroz derrama água
fria
e toma a palavra (...)

-Aclamei a paz não nos
ouvidos no coração sim...
de cada um que ninguém
seja corvo o mensageiro
da morte também estamos
aqui para dar nosso
testemunho A nossa
proteção onde ir buscar
mais furor e braveza?
(...)

(SEMEDO, 2007. P. 101, 102)

Guiné clama por paz, não utilizando o mecanismo da voz do grito, mas usa as expressões da alma do coração. O eu-lírico se apresenta como mensageiro da boa notícia que traz consigo a esperança e furor da bravura.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Consideramos que *No Fundo do Canto* aborda a questão do domínio e da opressão vivida pelo povo guineense. Após a análise dos cinco poemas da autora, percebe-se que os traumas causados pelos conflitos sangüinários da guerra de libertação de Guiné-Bissau e o conflito civil “guerra dos trezentos e trinta e três dias”

no país ofereceu matéria poética para a construção do Cantopoema de Odete Semedo que de forma muito simbólica construiu a imagem de Guiné-Bissau como uma terra que dispõe de grande riqueza cultural. Do quanto seu povo sofreu com as guerrilhas que buscaram destruir o país, porém, o espírito de coletividade, fraternidade, esperança não permitiram que a nação guineense permanecesse apenas na dor e caos.

O país perpassa por inúmeros problemas, dentre eles podemos destacar a falta de organização política, o sistema corrupto, a falta de aparelhos e dominação das tecnologias, a falta de cuidados básicos com a população, a precariedade na saúde e na educação com esses percalços a nação guineense não desanima diante as lutas pelas melhorias do seu país, tendo como arma revolucionária a denúncia das mazelas de seu povo e a resistência por meio da literatura.

REFERÊNCIAS

- AUGEL, Moema Parente. **O Desafio do Escombro: nação, identidade e pós-colonialismo na literatura da Guiné-Bissau**. Rio de Janeiro: Garamond, 2007a.
- AUGEL, Moema Parente. **Posfácio: Cantopoema do desassossego**. In: SEMEDO, Odete Costa. **No Fundo do Canto**. Belo Horizonte: Nandyala, 2007b.
- GOMES, Renato Cordeiro. *Todas as cidades, a cidade: literatura e experiência urbana*. Rio de Janeiro, 2008.
- PAIGC, 2003. <http://www.paigc.net/historia.html>. Acesso em 07/10/2018, às 23h42min.
- SEMEDO, Maria Odete da Costa Soares. **As Mandjuandadi: cantigas de mulher na Guiné-Bissau: da tradição oral à literatura**, 2010.
- SEMEDO, Odete Costa. **No Fundo do Canto**. Belo Horizonte: Nandyala, 2007.
- SILVA, Monaliza Rios. **A Guiné-Bissau No Fundo do Canto: O épico identitário de Odete Semedo**. Guarabira: UEPB, 2010.